

Pacto contra recessão

Jota Alcides
Editor-Chefe

21 MAI 1992

Estimativas oficiais indicam que cerca de 30 milhões de brasileiros estão, atualmente, fora do mercado formal de trabalho, enfrentando muitas dificuldades de sobrevivência. Somente em São Paulo, principal centro econômico do País — o desemprego atinge quase 1 milhão 200 mil pessoas na região metropolitana da capital. É um número recorde desde 1985.

No Rio de Janeiro, o drama do desemprego tem empurrado milhares de pessoas para frequentes ondas de saques a supermercados, aumentando o poder de fogo do crime organizado na escalada da violência. Pela repressão policial, os saques estão contidos. Mas, isso não dá segurança nem tranquilidade à população do Rio, pelo simples fato de que o problema social não está resolvido. Ele permanece fermentando os bolsões de pobreza, sobretudo nos morros, de onde a qualquer momento podem descer novos arastões de legiões de famintos e desempregados.

Em Brasília, mais afetada que outras capitais pelo ajuste econômico, em virtude da demissão de cerca de 150 mil servidores públicos, a desocupação de trabalhadores tem sido agravada pela atração que a cidade exerce sobre desempregados de outras regiões e pelo crescimento do número de pedidos de falências de empresas: 53 em 1990, 213 em 1991 e 115 apenas de janeiro a abril deste ano. Calcula-se que existam no Distrito Federal, hoje, mais ou menos 300 mil desempregados que estão se virando como podem, muitos transformados em mascates.

Com a forte recessão imposta pela política econômica do Governo desde 1990, a taxa de desemprego no País dobrou. De menos de três por cento em 1989 atinge agora mais de três por cento. Confirmam esse quadro preocupante os pedidos de seguro — desemprego

acumulados no Ministério do Trabalho: 1 milhão 500 mil em 1990, 2 milhões 93 mil em 1991 e só nos primeiros quatro meses deste 1992 aproximadamente 1 milhão 100 mil pedidos de trabalhadores demitidos. Os números se refletem nas ruas do Rio, São Paulo, Brasília e outras capitais literalmente ocupadas por milhares de camelôs armando suas barracas contra a recessão.

O próprio Governo já está reconhecendo que a dose do remédio tem sido forte para o paciente, país extremamente necessitado de recursos para investimento e atendimento a todas as suas demandas sociais, muitas de urgências urgentíssima. Manter a pressão recessiva é apostar no crescimento da taxa de desemprego que, depois do estágio atual, pode chegar rápido aos oito ou nove por cento, tornando a perspectiva de retorno à normalidade ainda mais difícil. Este temor faz o Governo anunciar agora preparativos para retomada do desenvolvimento e até surpreender projetando crescimento entre dois e três por cento ainda este ano. Chega de zero e muito menos passo de caranguejo.

O Brasil pode reagir e deve absorver lições da experiência atual de países industrializados, como Estados Unidos, Japão e Alemanha, com economias desaceleradas mas em recuperação. Os governos das nações ricas estão administrando crescimento econômico moderado, tentando garantir o controle da inflação, com razoável crescimento do desemprego. Em resumo, o caminho é crescer mesmo com desemprego evitando o caminho único da recessão contra a inflação. É nesta direção que estão andando e avançando as principais lideranças empresariais e dos trabalhadores do Brasil, concentradas em São Paulo, discutindo e buscando, serena e responsabilmente, saídas para a crise. Dessa aproximação fortuita poderá surgir um pacto entre capital e trabalho decisivo para a necessária e urgente retomada do crescimento brasileiro.